

**EVIDÊNCIAS**

**DO**

**DILÚVIO**

**BÍBLICO**

## **FINALIDADE DESTA OBRA**

Este livro como os demais por mim publicados tem o intuito de levar os homens a se tornarem melhores, a amar a Deus acima de tudo e ao próximo com a si mesmo. Minhas obras não têm a finalidade de entretenimento, mas de provocar a reflexão sobre a nossa existência. Em Deus há resposta para tudo, mas a caminhada para o conhecimento é gradual e não alcançaremos respostas para tudo, porque nossa mente não tem espaço livre suficiente para suportar. Mas neste livro você encontrará algumas respostas para alguns dos dilemas de nossa existência.

AUTOR: Escriba de Cristo é licenciado em Ciências Biológicas e História pela Universidade Metropolitana de Santos; possui curso superior em Gestão de Empresas pela UNIMONTE de Santos; é Bacharel em Teologia pela Faculdade das Assembléias de Deus de Santos; tem formação Técnica em Polícia Judiciária pela USP e dois diplomas de Harvard University dos EUA sobre Epístolas Paulinas e Manuscritos da Idade Média. Radialista profissional pelo SENAC de Santos,

reconhecido pelo Ministério do Trabalho. Nasceu em Itabaiana/SE, em 1969. Em 1990 fundou o Centro de Evangelismo Universal; hoje se dedica a escrever livros e ao ministério de intercessão. Não tendo interesse em dar palestras ou participar de eventos, evitando convívio social.

CONTATO:

<https://www.facebook.com/centrodeevangelismouniversal/>

<https://www.facebook.com/escribade.cristo>

E-MAIL: [teologovaldemir@hotmail.com](mailto:teologovaldemir@hotmail.com)

Whatsapp: 13 996220766

Dados Internacionais da Catalogação na Publicação (CIP)

*M543    Escriba de Cristo, 1969 –*

*Evidências do Dilúvio Bíblico*

*São Paulo /SP - Brasil , Amazon.com  
Clubedesautores.com.br, Bibliomundi  
2021, 163 p. ; 21 cm*

**ISBN:** 9798593131010      Edição 1º

1. Dilúvio 2. Arca de Noé 3. Bíblia 4 – Ararat  
5. Noé 6. Arqueologia

CDD 220

CDU 22 / 291

CENTRO DE EVANGELISMO UNIVERSAL

-CNPJ 66.504.093/0001-08

## **INTRODUÇÃO**

Aqui procurei fazer uma coletânea dos meus estudos sobre o dilúvio bíblico e as hipóteses científicas do que provocou este cataclismo de proporções devastadoras. Cremos na Bíblia que a motivação espiritual tenha sido o pecado da humanidade naqueles tempos e que acionou o gatilho da Ira Divina. Todavia, fica a nossa curiosidade em saber se de fato o dilúvio de Noé foi global ou só na Mesopotâmia? Se a quantidade de animais foi mesmo global ou só daquele bioma? Seria uma destruição planetária (com destruição de uma camada da atmosfera, mudança do eixo da terra, movimentação de placas tectônicas e hidroplacas) ou geograficamente do “mundo antigo habitável”? O monte Ararat é aquele que conhecemos hoje daquela altitude, ou seria outro monte?

Este livro não pretende responder estas perguntas, até porque acho difícil que tenhamos uma resposta para breve. Acredito que ainda há mistérios da antiguidade que nossos cientistas ainda não descobriram e por isto está escondido de nós a capacidade de entender os eventos de grande magnitude do livro de Gênesis como a criação, o paraíso, o evento da torre de Babel e o apocalíptico DILÚVIO BÍBLICO.

## **ARQUEÓLOGO ROBERT BALLARD**

Provas que o dilúvio bíblico de Noé aconteceu, diz Robert Ballard.

Dr. Robert Ballard, um aclamado arqueólogo subaquático, explica as evidências.

Por JENNA MILLMAN, BRYAN TAYLOR e LAUREN EFFRON

Publicado na ABC News de 5 de dezembro de 2012.

A história da Arca de Noé e do Grande Dilúvio é uma das mais famosas da Bíblia, e agora um aclamado arqueólogo subaquático acha que encontrou provas de que o dilúvio bíblico foi realmente baseado em eventos reais.

Em uma entrevista com Christiane Amanpour para a ABC News, Robert Ballard, um dos arqueólogos subaquáticos mais conhecidos do mundo, falou sobre suas descobertas. Sua equipe está sondando as profundezas do Mar Negro na costa da Turquia em busca de vestígios de uma antiga civilização escondida debaixo d'água desde a época de Noé.

O histórico de Ballard para encontrar o impossível é bem conhecido. Em 1985, usando um submersível robótico equipado com câmeras de controle remoto, Ballard e sua tripulação caçaram o naufrágio mais famoso do mundo, o Titanic.

Agora Ballard está usando uma tecnologia robótica ainda mais avançada para viajar mais para trás no tempo. Ele está em uma missão arqueológica marinha que pode apoiar a história de Noé. Ele disse que há cerca

de 12.000 anos, grande parte do mundo estava coberto de gelo.

“Onde moro em Connecticut havia gelo a uma milha acima da minha casa, voltando ao Pólo Norte, cerca de 15 milhões de quilômetros, que é um grande cubo de gelo”, disse ele. “Mas então começou a derreter. Estamos falando sobre as inundações de nossa história viva.”

A água das geleiras derretidas começou a correr em direção aos oceanos do mundo, disse Ballard, causando inundações em todo o mundo.

“A questão é: houve a mãe de todas as inundações”, disse Ballard.

De acordo com uma teoria polêmica proposta por dois cientistas da Universidade de Columbia, realmente havia um na região do Mar Negro. Eles acreditam que o agora salgado Mar Negro já foi um lago de água doce isolado cercado por terras agrícolas, até que foi inundado por uma enorme parede de água do crescente Mar Mediterrâneo. A força da água era duzentas vezes a das Cataratas do Niágara, varrendo tudo em seu caminho.

Fascinado pela ideia, Ballard e sua equipe decidiram investigar.

“Fomos lá para procurar a enchente”, disse ele. “Não apenas uma subida lenta e progressiva do nível do mar, mas uma inundação realmente grande que então permaneceu... A terra que afundou permaneceu abaixo.”

Quatrocentos metros abaixo da superfície, eles desenterraram um antigo litoral, prova para Ballard de que um evento catastrófico aconteceu no Mar Negro. Pela datação de carbono encontrada ao longo da costa, Ballard disse acreditar que eles estabeleceram um cronograma para aquele evento catastrófico, que ele

estima ter acontecido por volta de 5.000 aC. Alguns especialistas acreditam que foi nessa época que o dilúvio de Noé poderia ter ocorrido.

"Provavelmente foi um dia ruim", disse Ballard. "Em algum momento mágico, ele irrompeu e inundou este lugar violentamente, e muitos imóveis, 150.000 quilômetros quadrados de terra, afundaram."

A teoria prossegue sugerindo que a história desse evento traumático, gravada na memória coletiva dos sobreviventes, foi passada de geração em geração e acabou inspirando o relato bíblico de Noé.

Noé é descrito na Bíblia como um homem de família, pai de três filhos, que está prestes a comemorar seu 600º aniversário.

"Nos primeiros capítulos do Gênesis, as pessoas vivem 800 anos, 700 anos, 900 anos", disse o rabino Burt Visotzky, professor de Talmud e rabínicos no Seminário Teológico Judaico de Nova York. "Esses são números míticos, são muito grandes. Não sabemos bem o que fazer com isso. Então, às vezes, esses números grandes, eu acho, também servem para reforçar o mistério do texto."

(Discordo do rabino. Acho muito plausível que o planeta Terra tinha uma cobertura protetora de raios gama, raio x e outros raios que aceleram o processo de envelhecimento. Antes do dilúvio havia uma proteção, uma camada acima da atmosfera que retardava o envelhecimento.)

Alguns dos detalhes da história de Noé parecem míticos, por isso muitos estudiosos da Bíblia acreditam que a história de Noé e a Arca foi inspirada nas lendárias

histórias do dilúvio da vizinha Mesopotâmia, em particular "A Epopéia de Gilgamesh". Essas narrativas antigas já estavam sendo transmitidas de uma geração para a outra, séculos antes de Noé aparecer na Bíblia.

"As primeiras histórias da Mesopotâmia são muito semelhantes, onde os deuses estão enviando uma inundação para exterminar os humanos", disse o arqueólogo bíblico Eric Cline. "Há um homem que eles escolheram para sobreviver. Ele constrói um barco, traz animais e pousa em uma montanha e vive feliz para sempre? Eu diria que é a mesma história."

Eventos catastróficos desse tipo não são exclusivos da Bíblia. Alguns exemplos contemporâneos incluem o tsunami de 2004 que destruiu aldeias nas costas de 11 países ao redor do Oceano Índico. Houve também o furacão Katrina, descrito como o pior furacão da história dos Estados Unidos.

Os estudiosos não têm certeza se o dilúvio bíblico foi maior ou menor do que esses desastres modernos, mas eles acham que as experiências das pessoas nos tempos antigos foram semelhantes às nossas.

"Se você testemunhar um terrível desastre natural, sim, você quer uma explicação científica do porquê isso aconteceu", disse Karen Armstrong, autora de "A History of God". "Mas você também precisa de algo que o ajude a amenizar sua dor, angústia e raiva. E é aqui que o mito nos ajuda a superar isso."

(O mal dos ateus e dos incrédulos é que eles excluem Deus da história. Satanás os induzem a crer que não foi Deus que criou o homem, mas o homem que criou Deus como um relé de consolação e explicação.)

Independentemente de saber se os detalhes da história de Noé são historicamente precisos, Armstrong acredita que essa história e todas as histórias bíblicas estão nos contando "sobre nossa situação no mundo agora".

De volta ao Mar Negro, Ballard disse estar ciente de que nem todos concordam com suas conclusões sobre a época e o tamanho do dilúvio, mas ele está confiante de que está no caminho para encontrar algo do período bíblico.

"Começamos a encontrar estruturas que pareciam feitas pelo homem", disse Ballard. "É aí que estamos focando nossa atenção agora."

No início, a equipe de Ballard encontrou pilhas de cerâmica antiga, mas então eles fizeram uma descoberta ainda mais importante. No ano passado, Ballard descobriu um navio e um de seus tripulantes no Mar Negro.

"Este é um naufrágio antigo perfeitamente preservado em toda a sua madeira, parece um depósito de madeira", disse ele. "Mas se você olhar de perto, verá o osso do fêmur e, na verdade, um molar."

O naufrágio estava em condições surpreendentemente boas, preservado porque o Mar Negro quase não tem oxigênio, o que retarda o processo de decadência, mas não remonta à história de Noé.

"O naufrágio mais antigo que descobrimos naquela área é cerca de 500 aC, período clássico", disse Ballard. "Mas a questão é que você simplesmente continue procurando. É uma questão de estatísticas."

Ainda assim, Ballard disse que a descoberta lhe dá esperança de descobrir algo mais antigo "porque lá, na

verdade, o mar profundo é o maior museu da Terra", disse ele.

Ballard não acha que algum dia encontrará a Arca de Noé, mas **ele acha que pode encontrar evidências de um povo cujo mundo inteiro foi destruído cerca de 7.000 anos atrás.** Ele e sua equipe disseram que planejam retornar à Turquia no próximo verão.

[Ballard não parece acreditar em um dilúvio universal que afetou toda a terra, mas em um dilúvio que atingiu UM POVO e que este povo teve seu mundo inteiro destruído. Eu ainda oscilo entre um dilúvio universal e um dilúvio antropológico. Talvez ocorreram os dois ao mesmo tempo. Nóe salvou a fauna local e na sua região morreram todos os humanos ao mesmo tempo que todo o planeta sofria a maior catástrofe climática com chuvas, movimentações de placas tectônicas e as possíveis hidroplacas.)

"É tolice pensar que um dia você encontrará um navio", disse Ballard, referindo-se à Arca. "Mas você pode encontrar pessoas que estavam vivas? Você consegue encontrar suas aldeias que estão debaixo d'água agora? E a resposta é sim." (7)

## **E A BÍBLIA TINHA RAZÃO**

O texto que se segue é do livro de Werner Keller de 1955, que já está em domínio público e foi um dos maiores Best-seller da arqueologia bíblica.

### **Capítulo 3**

#### **É desenterrado o dilúvio**

*Os túmulos reais dos sumérios — Uma camada de lodo misteriosa — Vestígios do dilúvio sob a areia do deserto —*

*Uma inundação catastrófica por volta de 4000 a.C.*

*E o Senhor disse-lhe (a Noé): entra na arca tu e toda a tua casa, porque, daqui a sete dias, farei chover sobre a terra durante quarenta dias e quarenta noites; e exterminarei da superfície da terra todos os seres que fiz. E, passados os sete dias, caíram sobre a terra as águas do dilúvio (Gênesis 7.1, 4, 10).*

Quando ouvimos a palavra “dilúvio”, pensamos quase imediatamente na Bíblia e na história da arca de Noé. Essa história maravilhosa do Velho Testamento viajou com o cristianismo através do mundo. E assim se tornou a tradição mais conhecida do dilúvio, embora não seja de modo algum a única. Nos povos de todas as raças existem diferentes tradições de uma inundação imensa e catastrófica. Os gregos contavam a lenda do dilúvio de Deucalião; já muito antes de Colombo, corriam entre os primitivos habitantes do continente americano numerosas histórias a respeito de uma grande inundação. Na Austrália, na Índia, na Polinésia, no Tibete, em Caxemira, na Lituânia, há histórias de uma grande inundação que vêm sendo transmitidas de geração a

geração até nossos dias. Serão todas mitos, lendas, produtos da imaginação?

É bem provável que todas elas reflitam a mesma catástrofe universal. Mas esse formidável acontecimento deve ter ocorrido num tempo em que já havia seres pensantes que o presenciaram e lhe sobreviveram, podendo transmitir a notícia às gerações futuras. Os geólogos julgavam poder solucionar o velho enigma com o auxílio de sua ciência, apontando como causa a alternância de épocas de calor e períodos glaciários que assinalaram a evolução da Terra. Por quatro vezes subiu o nível dos mares quando começavam a derreter-se as tremendas camadas de gelo que cobriam os continentes, em alguns lugares com muitos milhares de metros de espessura. As águas de novo desencadeadas mudavam o aspecto da paisagem, inundavam litorais e vales profundos, exterminando homens, animais e plantas. Em suma, todas as tentativas de explicação terminavam em especulações e hipóteses. Mas conjeturas são o que menos interessa ao historiador. Ele exige sempre uma demonstração clara e material. E essa não existia; nenhum cientista, qualquer que fosse a sua especialidade, pudera dá-la. E a verdade é que foi por puro acaso — isto é, graças às escavações que visavam algo completamente diferente — que se apresentou a prova insofismável da existência do dilúvio. E isso aconteceu num sítio que nós já conhecemos: as escavações realizadas em Ur!

Havia já seis anos que os arqueólogos americanos e ingleses estudavam o terreno junto ao Tell al Muqayyar, que nessa época dava a impressão de uma obra colossal. Quando o trem de Bagdá se detinha nesse

local por um instante, os viajantes olhavam com espanto para os gigantescos montes de areia retirada. Trens inteiros de terra eram removidos, examinados cuidadosamente, passados na peneira; lixo milenar era manejado como se se tratasse de valioso tesouro. A atividade, os cuidados, as fadigas e o zelo de seis anos produziram uma colheita prodigiosa. Aos templos sumérios com armazéns, fábricas e tribunais, às ricas habitações dos cidadãos, seguiram-se, de 1926 a 1928, achados de tal brilho e esplendor que obscureceram tudo o que se conseguira até então.

Refiro-me aos “túmulos reais de Ur”, como batizou Woolley, na exultação da descoberta, os túmulos de sumérios notáveis cujo esplendor verdadeiramente régio foi revelado num monte de entulho de quinze metros de altura. Esse monte de entulho ficava ao sul do templo, e os túmulos estavam dispostos numa longa fila, uns ao lado dos outros. As câmaras tumulares de pedra eram verdadeiros tesouros: estavam cheias de todas as preciosidades de Ur. Taças e copos de ouro, bilhas e vasos de formas maravilhosas, utensílios de bronze, mosaicos de madrepérola, lápislazúli e prata rodeavam os mortos reduzidos a pó. Encostadas às paredes havia harpas e liras. Um moço, “herói da terra de Deus”, pois assim era intitulado por uma inscrição, tinha na cabeça um elmo de ouro. Um pente de ouro, ornado de flores de lápis-lazúli, enfeitava o cabelo da bela suméria Puabi, a “Lady Shub-ad”, como a chamaram os ingleses. Coisas mais belas não haviam sido encontradas nem mesmo nas famosas câmaras mortuárias de Nefertiti e Tutancâmon. E, contudo, os túmulos reais de Ur eram mil anos mais antigos do que aquelas!

Mas, a par das riquezas, os túmulos reais reservavam outro espetáculo sinistro e impressionante para os homens de nosso tempo — uma cena que não podemos considerar sem um ligeiro calafrio. Nas câmaras mortuárias foram encontradas parelhas de animais de tiro, os esqueletos ainda atrelados aos grandes carros carregados de artísticos utensílios domésticos. Era evidente que todo o cortejo fúnebre seguira os defuntos notáveis à morte, como deixavam perceber os esqueletos que os cercavam, com vestidos de festa e ornados de jóias. Vinte continha o túmulo da bela Puabi, e outras criptas continham até setenta esqueletos.

Que teria acontecido ali em épocas passadas? Não havia o menor indício de que aquela gente tivesse sofrido morte violenta. Tudo indicava que eles haviam acompanhado os defuntos à cripta em solene cortejo, com carros cheios de tesouros puxados por animais. E, enquanto pelo lado de fora o túmulo era emparedado, lá dentro eles oravam, pedindo o último repouso para o senhor morto. Depois tomavam uma droga, reuniam-se pela última vez em volta dele e morriam voluntariamente... a fim de poderem servi-lo também na outra vida!

Durante dois séculos, os habitantes de Ur haviam depositado seus homens notáveis naqueles túmulos. Com a abertura da mais profunda e última câmara tumular, os pesquisadores do século XX decidiram continuar com as escavações. Com a chegada do verão de 1929, aproximava-se do fim a sexta campanha de escavação no Tell al Muqayyar. Woolley pôs mais uma vez seus auxiliares nativos a trabalhar no monte dos “túmulos reais”. Não podia descansar, queria ter certeza se a terra

sob o túmulo real mais profundo poderia oferecer descobertas durante o novo período de escavações.

Depois de retirados os alicerces do túmulo; algumas centenas de golpes de pá revelaram que embaixo havia mais camadas de entulho. A que profundidade do passado chegariam aqueles mudos cronômetros? Quando surgiria, debaixo daquela colina, a primeira povoação assente em solo virgem? Era isso o que Woolley queria saber! Lentamente, com muito cuidado, a fim de ter certeza, mandou abrir poços e ficou ali para examinar as camadas extraídas. “Quase imediatamente se fizeram descobertas que confirmaram nossas suposições”, escreve ele mais tarde em seu relatório.

“Sob o pavimento dos túmulos reais foram encontradas, numa camada de cinzas de madeira, numerosas tabuinhas de terracota cobertas de inscrições dum tipo muito mais antigo que as encontradas nos túmulos. A julgar pela escrita, as tabuinhas poderiam ser situadas mais ou menos no século XXX a.C. Deviam ser, pois, uns duzentos ou trezentos anos mais antigas do que os túmulos.”

À medida que se aprofundavam os poços, apareciam novas camadas com cacos de cântaros, potes, tigelas. O fato de a cerâmica continuar extraordinariamente inalterada chamou a atenção dos exploradores. Parecia ser exatamente igual às peças encontradas nos túmulos reais. Donde se concluía que, durante muitos séculos, a civilização dos sumérios não sofrera modificações dignas de nota. Devia ter atingido um alto grau de desenvolvimento em tempos muitíssimo remotos.

Quando, depois de muitos dias, um dos trabalhadores gritou para Woolley que haviam chegado ao fundo, ele desceu lá pessoalmente para se certificar. Com efeito, ali terminava bruscamente todo e qualquer vestígio humano. No solo intacto, repousavam os últimos fragmentos de utensílios domésticos; aqui e ali havia vestígios de fogo. “Finalmente!”, pensou Woolley. Com cuidado, examinou o solo do fundo do poço e viu que era limo, puro limo do tipo que só se formava pela sedimentação na água!

Limo naquele lugar? Woolley procurou uma explicação. Só podia ser areia de rio, uma acumulação de aluviões do Eufrates em outras eras. Aquela camada devia ter-se formado quando o grande rio estava avançando seu delta

mais para o interior do golfo Pérsico. Até hoje continua esse avanço da foz do rio para o golfo, onde a nova terra se estende cerca de vinte e cinco metros a cada ano mar adentro. Quando Ur estava em seu apogeu, o rio Eufrates passava tão perto dela que a grande torre escalonada se espelhava nas suas águas, e do alto do seu santuário devia avistar-se o golfo Pérsico.

As primeiras habitações deviam ter sido construídas sobre o limo do antigo delta. Medidas realizadas no terreno e cálculos feitos com mais cuidados levaram Woolley a um resultado completamente diverso e a nova conclusão. “Vi que estávamos num nível muito alto. Era difícil de aceitar que a ilha sobre a qual fora construída a primeira povoação se elevasse tanto acima da várzea.” O fundo do poço, onde começava a camada de limo, ficava muitos metros acima do nível do rio. Não podia ser, portanto, aluvião do Eufrates. Que significava,

pois, aquela extraordinária camada de limo? Como se formara? Nenhum dos seus colaboradores conseguiu dar uma resposta conclusiva. Continuaram, pois, aprofundando o poço. Superexcitado, Woolley observava, enquanto cesta após cesta ia saindo da escavação e o conteúdo era imediatamente examinado. As pás continuaram cavando, um metro, dois metros... era ainda puro limo. A cerca de três metros de profundidade, a camada de limo terminou tão bruscamente como havia começado. Que viria a seguir?

As cestas que apareceram à luz do dia, a seguir, deram uma resposta que nenhum daqueles homens podia ter imaginado. Não podiam acreditar no que viam. Esperavam terra virgem, mas o que lhes aparecia ali sob o sol implacável era novo entulho, depois mais entulho, detritos de outrora, e, entre eles, numerosos cacos de barro. Sob uma camada de quase três metros de puro limo, topavam de novo com restos de habitações humanas.

Mas tanto o aspecto como a técnica da cerâmica haviam mudado notavelmente. Acima da camada de limo, havia bilhas e escudelas evidentemente feitas no torno; aquelas, ao contrário, eram ainda modeladas à mão. Por mais que fosse peneirado com cuidado o conteúdo das cestas, sob a crescente expectativa dos homens, não se descobriram restos de metal em parte alguma. A ferramenta primitiva que apareceu consistia em sílex polido. Devia ser da Idade da Pedra!

Naquele dia, um telégrafo da Mesopotâmia transmitia para o mundo a mais extraordinária notícia que ouvidos humanos já ouviram:

“Descobrimos o dilúvio!” A tremenda descoberta realizada em Ur ocupou as manchetes da imprensa dos Estados Unidos e da Inglaterra.

Figura 3 - Vestígios de limo da grande inundação ocorrida por volta de 4000 a.C;

O *dilúvio* — essa era a única explicação possível para a enorme jazida de lama sob a colina de Ur que separava nitidamente duas épocas humanas. O mar havia deixado aí seus vestígios incontestáveis sob a forma de restos de pequenos animais marinhos. Woolley quis ter certeza o mais depressa possível. Podia ser que um acaso — se bem que improvável — tivesse iludido a ele e aos seus colaboradores. Mandou escavar um poço a uns trezentos metros do primeiro.

As pás puseram a descoberto o mesmo perfil: cacos de olaria, camadas de limo, restos de objetos de barro moldados à mão.

A fim de afastar toda e qualquer dúvida, mandou finalmente escavar ainda outro poço na massa de escombros, num lugar onde as habitações humanas se erguiam sobre uma colina natural; portanto, em camadas situadas acima do depósito de limo.

A uma profundidade mais ou menos igual àquela em que nos dois outros poços acabavam de repente as vasilhas feitas no torno, aí também deixaram de aparecer. Imediatamente abaixo, seguiam-se vasilhas feitas à mão... exatamente como Woolley imaginara e havia esperado. Somente aí faltava, naturalmente, a camada de limo divisória. “Cerca de cinco metros abaixo de um

pavimento de tijolos”, observa Woolley, “a que podíamos atribuir com relativa segurança a data de 2700 anos a.C, encontramos as ruínas daquela Ur que existira antes do dilúvio.”

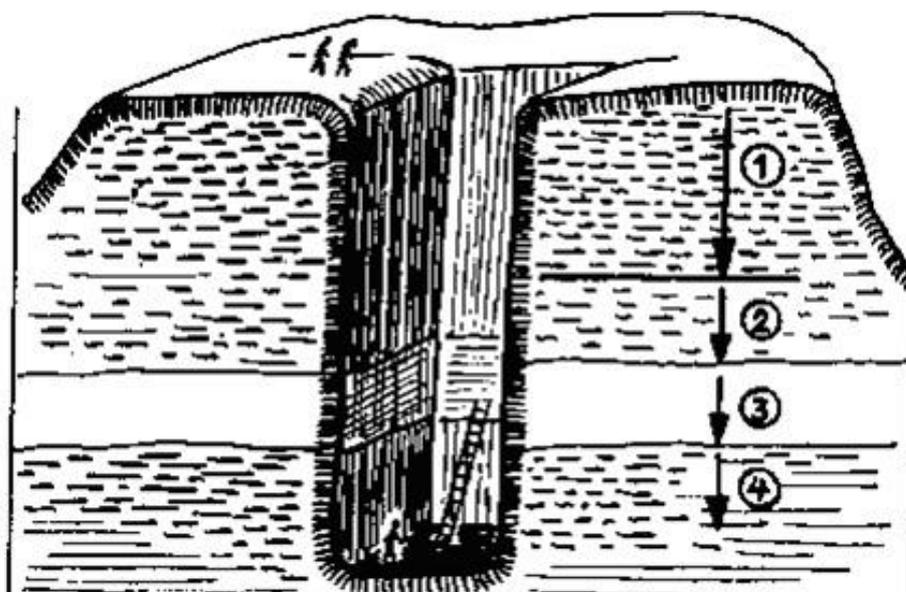


Figura 4 - Poço mostrando a camada de limo do dilúvio em Ur. 1. Sepulturas de reis; 2. Vasilhas de barro feitas no torno; 3. Camada de limo (3 metros); 4. Vasilhas antediluvianas.

Até onde se estenderia a camada de limo? Que regiões teriam sido abrangidas pela catástrofe? Uma pesquisa regular dos vestígios da grande inundação está sendo levada a efeito atualmente, em outros sítios no sul da Mesopotâmia. Outros arqueólogos descobriram em Kish, ao nordeste da antiga Babilônia, onde o Eufrates e o Tigre, fazendo grandes curvas, se aproximam um do outro, um novo e importante ponto de referência. Em dado momento, toparam com uma camada de terreno de aluvião, se bem que aí tenha apenas meio metro de espessura. Por meio de sondagens, consegue-se estabelecer a extensão geral da enorme inundação.